

» Entrevista | JAIR BOLSONARO | CANDIDATO DO PL À PRESIDÊNCIA

Candidato à reeleição rebate críticas de adversários e diz que eles também poderiam participar das festividades do Sete de Setembro. E acusa Lula e a esquerda latino-americana: "Essas pessoas têm alguma moral para falar em democracia?"

“Não foi um ato meu, foi da população”

Candidato à reeleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL) está confiante de que pode vencer a corrida ao Planalto já em 2 de outubro. Prova disso, segundo o chefe do Executivo, são as multidões que arrastou nos atos do 7 de Setembro em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo. “Acho que está decidida a eleição no primeiro turno. Não tem explicação para o outro lado ganhar. Não foi apenas aqui, foi no Brasil todo”, afirmou, em entrevista ao

programa CB.Poder, parceria entre o Correio e a TV Brasília. Bolsonaro rebateu críticas de adversários — alguns deles, inclusive, recorreram ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) — de que se apropriou de uma data nacional e da máquina pública para fazer campanha. “Estão me acusando do quê? Estive no 7 de Setembro aqui em Brasília, acabou o desfile, tirei a faixa e fui para dentro do povo. Se qualquer outro candidato quisesse comparecer ali, não tinha problema nenhum. Não foi um ato meu, foi um ato

da população”, frisou. Ele explicou um dos trechos mais polêmicos do seu discurso, na Esplanada, em que enalteceu sua virilidade. “A questão do imbrochável é sinal de que eu vou ficar resistindo de sempre. Não adianta me atacar”, ressaltou.

O chefe do Executivo disparou críticas aos governos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder das pesquisas de intenção de voto, e disse que seus



familiares não podem ser comparados com os do petista, que “ficaram ricos de uma hora para a outra”. “Seus filhos vivem muito bem, inclusive, usufruindo de benesses de estatais. Quer comparar com a minha família? Nós trabalhamos”, afirmou.

O presidente também negou que deflagre crises com o Supremo Tribunal Federal (STF). “Não sou eu que provooco. Estou quieto (...). Tem gente que tem alguma

bronca ideológica comigo”, sustentou. Ele voltou a enfatizar a necessidade de ser jogado “dentro das quatro linhas da Constituição”. “Ser democrata não é assinar uma cartinha ao lado de pessoas que adoram regimes totalitários. Ser democrata é você respeitar todos os artigos da Constituição.”

O postulante à reeleição negou o rótulo de misógino e listou ações que sua gestão fez em prol das mulheres, entre as quais, o combate à violência doméstica. “Foi o governo que mais prendeu machões no Brasil. Agressor de

mulher não ficou escondido. Fomos para cima dele.” Ele prometeu manter o Auxílio Brasil em R\$ 600 e enumerou os feitos na área econômica. “O Brasil é o único país do mundo, pelo que eu sei, que está com deflação e não tem problema de desabastecimento, como outros países começam a ter.” A seguir, os principais trechos da entrevista, feita pelos jornalistas Denise Rothenburg, Arthur Luiz, Washington Rodrigues e Ricardo Carlini, com colaboração de Victor Correia, Mariana Albuquerque* e Raphael Pati*.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Qual é o balanço do Sete de Setembro?

Tenho falado, há algum tempo, que temos um presidente da República e um governo que acredita em Deus, respeita seus policiais e militares, defende a família tradicional e deve lealdade ao povo. Pelo que vejo, o outro lado nunca se preocupou com o povo, a não ser em época de eleições. E passamos a ter, na verdade, um governo diferente dos demais, que, por exemplo, encara o combate à corrupção não como uma virtude, mas como uma obrigação acima de tudo. E fiz um apelo, sim, pela última vez, porque o povo foi à rua várias vezes. Não houve convocação da minha parte, nem convite. E o que eles defendiam ali — liberdade, respeito à Constituição, democracia, entre outras coisas —, não era bem compreendido em Brasília. Entrava por um ouvido, saía pelo outro. O que tenho falado? Que todos nós temos de jogar dentro das quatro linhas da Constituição. Ser democrata não é assinar uma cartinha ao lado de pessoas que adoram regimes totalitários. Ser democrata é você respeitar todos os artigos da Constituição. E, ao longo desses três anos e meio, a população, junto comigo, viu um presidente diferente dos demais.

O que a população viu?

Viu um presidente que teve o capricho e a coragem de escolher um ministério técnico para estar ao seu lado. Geralmente, a escolha de ministro, no passado, era em função de interesses político-partidários. Só podia terminar em corrupção. Fizemos diferente. Até costume dizer: me aponte alguém do nível do Tarcísio de Freitas na Infraestrutura; da Tereza Cristina na Agricultura; do Marcos Pontes na Tecnologia; o Onyx (Lorenzoni), meu mestre coringa lá dentro; do Rogério Marinho no Desenvolvimento Regional; do Paulo Guedes na Economia; do Gilson Machado no Turismo; atualmente do João Roma na Cidadania. Então, você começa a analisar e vê que tem algo diferente.

E como era antes?

Era comum ver, há poucos anos: tal partido perdeu o ministério, tal outro partido ganhou outro ministério. E existia dentro da Câmara a tal da lista da fidelidade, ou seja, acabava uma votação importante, alguém levava uma lista para dentro do líder partidário. Ele olhava na lista: “Olha, o meu partido foi 90% fiel ao governo, o outro só foi



Estão me acusando do quê? Estive no 7 de Setembro aqui em Brasília, acabou o desfile, tirei a faixa e fui para dentro do povo. Se qualquer outro candidato quisesse comparecer ali, não tinha problema nenhum. Não foi um ato meu, foi um ato da população”

60%, por que eu tenho dois ministérios e o outro tem dois? Vou querer um ministério daquele partido”. Isso levava ao quê? A uma onda de corrupção. A gente comprova isso com as estatais, que, há poucos anos, eram deficitárias ou davam pequenos lucros. Agora, estão dando lucro, até demais. Tenho conversado com Paulo Guedes. Queremos lucro, sim, mas está demais. Vamos diminuir impostos, e temos aumentado a arrecadação. Então, é um governo diferente.

O senhor acompanha de perto o trabalho dos ministros?

Não tenho como saber de tudo o que acontece em 23 ministérios. Eles são que entram em campo. Esse é o meu time, quem disputa por quatro anos como condutor das políticas de interesse da população. E quem passou o que eu passei? Dois anos de pandemia; uma seca nunca vista em décadas, no ano passado; e uma guerra lá fora, que mexeu na economia do mundo todo. Eu talvez tenha sido o único chefe de Estado no mundo que falou que essa história do “fica em casa e a

economia a gente vê depois” está errada. O povo tem de trabalhar. Ninguém vai agarrar a guerra dentro de uma trincheira ou embaixo da cama dentro de casa.

Mas ficar em casa era uma forma de tentar evitar que a doença se alastrasse, e não tínhamos vacina ainda. Que avaliação faz da pandemia? Acha que cometeu algum erro, ou qual foi o seu maior acerto?

Nós levantamos, em um primeiro momento, 38 milhões de pessoas que viviam da informalidade. Essas pessoas têm de ficar quanto tempo dentro de casa sem ganhar nada? Pouquíssimos dias. Iriam às ruas e iam fazer coisas que não queriam. Teríamos, no mínimo, saques a supermercados. Estaríamos mergulhando o Brasil em um caos social, e socorri dois ministros. Primeiro, foi na Defesa. Temos efetivo para a garantia da lei e da ordem? Não. De imediato? Não. O que fazer? Fomos atrás dos ministros Paulo Guedes, criamos o Auxílio Emergencial em 20 dias e começamos a pagar, não para 38 milhões de pessoas, mas para 68 milhões, o que evitou que a

economia colapsasse, evitou que essas pessoas fossem às ruas. Por mês, a gente se endividava em R\$ 50 bilhões. Não tínhamos como garantir tudo isso, e eu batendo de frente com a maioria dos governadores: tem de trabalhar. O que já dizia naquela época? Que as pessoas saudáveis, os mais jovens, aquele vírus não influenciava em nada. Por que fechar? Por que deixar o cara com 20 anos, 30 anos de idade dentro de casa?

Houve jovens que morreram também, presidente.

Quem nasceu primeiro? O ovo ou a galinha? Se você ficar em casa ‘ad aeternum’, o vírus não vai embora. Atualmente temos aí em torno de 100 pessoas que morrem de covid por dia no Brasil. Pergunto: essas pessoas foram vacinadas, ou não?

A maioria foi.

E por que está morrendo de covid?

Aí, os médicos têm de explicar. É uma doença nova, que está sendo estudada.

Por que foi tolhido o direito

dos médicos de exercerem a liberdade deles? O médico não tem o direito, tem a obrigação de tentar salvar a sua vida. O tratamento precoce virou crime no mundo todo, e no Brasil não foi diferente. Por que eu apoiei? Por causa disso: eu ligava para países do mundo todo. Como é que na África Subsaariana, por exemplo, está morrendo menos gente de covid e tem o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) lá embaixo? Por coincidência?

Tem que estudar, presidente. Se não estudar, não tem jeito.

Mas eu estudei. Por coincidência, essas pessoas tomam tal medicamento, que é para combater a cegueira dos rios (a oncocercose, doença parasitária crônica). Por que nos quartéis, na Força do Exército, na Amazônia, não morria militar de covid? Porque eles usavam um medicamento que era para combater a malária, que, por coincidência, também ajudava a combater os efeitos do vírus. Mas, no Brasil, o médico perdeu sua autonomia. Os médicos foram ameaçados de cadeia. O (senador) Omar Aziz apresentou um projeto de lei

dando três anos de cadeia ao médico que, porventura, indicasse qualquer remédio não previsto no tratamento em bula. Divulguei o projeto do Omar Aziz e, no mesmo dia, ele retirou o projeto.

Ele percebeu que o projeto estava errado.

Percebeu depois da minha tuitada. Ele queria três anos de cadeia? Queriam prender a você por dar um chá de boldo para os filhos. Virou uma coisa que se politizou. Quem começou a tratar de vírus no Brasil, com todo respeito, foi uma grande parte da imprensa e dos políticos. Eu poderia ter acabado, por exemplo, com a CPI da Covid logo no começo, se eu acolhesse uma emenda do Omar Aziz e do Renildo Calheiros, irmão do Renan, porque eles queriam que qualquer prefeito ou médico comprassem vacina em qualquer lugar do mundo sem certificação da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) e sem licitação. Imagine a festa que seria.

Como fará para manter o Auxílio Brasil em R\$ 600, uma vez que o Orçamento de 2023 não tem esse valor assegurado?

Uma coisa é você entrevistar um candidato a presidente, a outra, um candidato que é presidente. De acordo com o que vou falar aqui, o dólar pode disparar, a Bolsa pode cair. O Bolsa Família valia, em média, R\$ 190. Havia famílias recebendo R\$ 80 por mês. Com a questão da covid, da guerra, da inflação dos alimentos, isso passou a ser nada. Brigamos, no ano passado, para passar a R\$ 400 e fomos atrás da negociação dos precatórios. Tudo dentro da responsabilidade fiscal do Paulo Guedes. O grande problema nosso foi o PT. O PT votou contra a renegociação dos precatórios, para que continuasse o Bolsa Família com o valor lá embaixo. Conseguimos, com os partidos de centro — que pejorativamente são chamados de Centrão —, aprovar R\$ 400. No corrente ano, viu-se que essa importância ainda não era suficiente. Fomos para um extra em uma PEC (Proposta de emenda à Constituição) emergencial. Passamos um extra de R\$ 200 até o fim do ano. Então, no momento, até dezembro, são R\$ 400 mais R\$ 200.

E em 2023?

Conversei com o Paulo Guedes para buscar alternativa para (o valor) ser definitivo a partir do ano que vem. Ele falou que vai ser definitivo. Conversei, hoje (ontem), com o Arthur Lira (presidente da Câmara). Ele falou: